

O MCI E O IMPERIALISMO SOVIÉTICO

(Continuação)

Cel Eng ADIB MURAD

IV — OS CENTROS DE IRRADIAÇÃO DO MCI

São três os principais centros de irradiação do MCI:

- A URSS (e os países satélites da Europa Ocidental);
- Cuba; e a
- República Popular da China.

Já estudamos o primeiro desses Centros. Veremos, pois, sucessivamente, os outros dois, estudando, em relação ao último, também o conflito Sino-Soviético.

1. Cuba

Em Cuba, Fidel Castro insurgiu-se contra a ditadura de Fulgêncio Batista. Iniciou ações de guerrilha, com base na Sierra Maestra, e, aos poucos, obteve apoio de todo o povo, apossando-se do poder a 1.º de janeiro de 1959, contando com a simpatia das democracias.

Consolidada sua posição, Castro surpreendeu o mundo declarando-se comunista e impondo essa ideologia a seu povo, apesar de estar o seu país situado a poucas milhas dos EUA.

Imediatamente, empolgada pela obtenção de uma base de atuação em pleno coração das Américas, a URSS concedeu a Cuba todo o apoio.

Em contraposição, a Organização dos Estados Americanos (OEA), em face da ameaça comunista e pela decisão de não interferir em força, colocou Cuba sob bloqueio econômico; todos os países americanos, exceto o México, cortaram suas relações comerciais e diplomáticas com Cuba, que passou a depender preponderantemente do auxílio material da URSS e do pequeno comércio que ainda mantém com as nações européias.

Cuba é uma pequena nação, a 90 milhas dos EUA, e que não pode ter pretensões de hegemonia mundial, nem continental; sua população é inferior a oito milhões; não possui indústria desenvolvida; é um país essencialmente agrícola, grande produtor de açúcar, que é sua maior fonte de divisas, seguindo-se o fumo, o café, o cacau, o arroz e as frutas tropicais.

É interessante assinalar que, na parte sudeste da ilha, os norte-americanos continuaram mantendo a Base de Guantânamo, como pequenino território dos EUA.

Deve ser também assinalado que os soviéticos, menosprezando a capacidade de reação das Democracias, pretenderam transformar o pequenino país em uma

fortaleza militar capaz de ameaçar a segurança dos EUA e, em 1962, iniciaram, aí, a implantação de bases de lançamento de mísseis. Entretanto, o Presidente Kennedy adotou uma posição firme, impôs que a URSS removesse os mísseis e ameaçou torpedear navios soviéticos que estavam levando material bélico para Cuba. Houve um período de tensão mundial, ante a iminência de uma guerra, mas os soviéticos recuaram, fizeram com que seus navios voltassem e procederam à desmontagem de suas bases, sujeitando-se à fiscalização direta dos americanos.

A URSS sofreu um rude golpe em seu prestígio e Fidel Castro jamais lhe perdoou essa atitude, após o que se aproximou mais da China, a despeito de sua total dependência do apoio econômico da URSS.

Cuba é o centro de irradiação subversiva na área do Caribe e América Central, exercendo, também, grande influência, na América do Sul, sobre a Colômbia, Venezuela, Chile e Uruguai.

Ela representa o sucesso de uma experiência original: uma revolução rural, iniciada sem unidade, e que foi conquistando adesões até engolfar o poder; representa uma forma originalíssima da implantação do comunismo num país católico — sem pregação ideológica, sob ideais democráticos; primeiro a obtenção do poder; depois, o processo político da comunicação em massa, mediante ostensiva propaganda dirigida, apoiada na força, nos expurgos violentos e

nos processos de favorecer o exílio para os recalcitrantes.

Fidel Castro admite que seu processo é o ideal para a implantação do comunismo nas Américas e nega qualquer valor aos processos tradicionais de luta política dos PC e à pregação ideológica prévia.

Tentou a experiência sobre países e a URSS deixou-o agir livremente.

Em abril de 1959, tentou um desembarque de guerrilheiros no Panamá; em maio, tentou contra a Nicarágua; em junho, contra a República Dominicana e, em agosto, contra o Haiti. Fracassou redondamente em todos eles.

Depois, para manter o seu prestígio, dedicou-se à promoção dos planos subversivos em grande escala na A.L., esponsando os ideais revolucionários do MCI, que pretende liderar no hemisfério.

Não apreciaremos a ação e os insucessos de Castro em cada um dos países americanos, mas desejamos ressaltar o seguinte:

— A URSS já não concorda com os processos subversivos de Castro, proclamando: que seus pontos de vista estão errados, que seu tipo de revolução não pode ser exportado porque só triunfou em Cuba sob condições muito especiais, por estar o povo farto da ditadura de Batista e que a A.L. não está amadurecida para a Revolução e seu povo necessita de um longo período de endoutrinação, para adquirir maiores condições de politização

e estímulos para o emprêgo da luta armada.

— Cuba não tem condições para galvanizar povos estrangeiros sob sua liderança, por ser um país fraco, sem projeção política, econômica ou cultural e ter sua própria população com baixíssimo padrão de vida e descontente com o regime escravizador que lhe é impôsto.

— O que Cuba realmente representa é um grande centro de propaganda subversiva, dirigido e financiado pelos soviéticos.

— Em 1966, realizou-se, em Cuba, a Conferência Tricontinental de Havana, da qual resultaram duas organizações revolucionárias:

— A OLAS (Organização Latino Americana de Solidariedade), que visa a promover e apoiar os Movimentos subversivos na A.L. e lutar contra o imperialismo e a influência dos EUA; e

— A OSPAAAL (Organização de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e A.L.), praticamente com os mesmos objetivos, mas englobando três continentes.

— Em 1966, ainda, Cuba promoveu um Congresso Latino Americano de Estudantes (IV CLAE), para planejar e orientar os movimentos estudantis.

Em 1968, Cuba promoveu o Congresso Cultural de Havana, reunindo cerca de 500 intelectuais, para firmar uma posição uniforme na orientação dos processos subversivos.

O que deve ser compreendido é que Cuba, embora insignificante como potência, tem sido muito útil à causa do MCI, não só pela sua posição geográfica, mas pelas facilidades que oferece para o

acesso ao centro de coordenação e instrução que representa.

Em Cuba se proporciona, em vários centros, instruções sobre comunismo e sobre guerrilhas urbana e rural; de Cuba, saem toneladas de material de propaganda subversiva para a A.L.; a rádio de Havana transmite regularmente, pregando a subversão e com alcance sobre todo o hemisfério; de Cuba, mais facilmente, os soviéticos enviam armamento, munição e equipamentos aos guerrilheiros americanos.

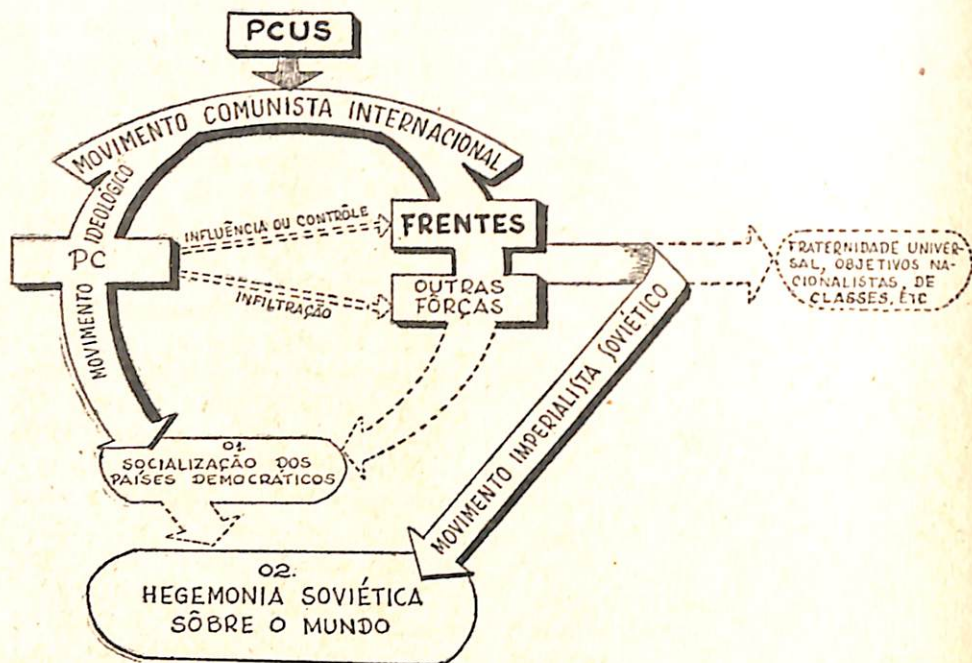
De Cuba parte a motivação e o apoio para a luta armada, urbana ou rural, na A.L., sendo a influência do Castrismo percebida mais notadamente no seio dos estudantes e dos camponeses e muito pouco na massa trabalhista, que segue a orientação preponderante do PC pró-soviético.

Tudo indica que Fidel Castro perderá em breve o apoio soviético e será substituído no poder. Entretanto, apesar dos ônus que Cuba representa, a URSS não abrirá mão voluntariamente desse país e tudo fará para que ele continue socialista e sob a sua esfera de influência.

2. República Popular da China (e o conflito sino-soviético)

Com a guerra civil de 1949, Chiang-Kai-shek teve de fugir para Formosa e os comunistas fundaram a República Popular da China.

A China Popular, hoje em dia, é um país isolado, sem assento na ONU, sem representações diplomáticas junto a muitos povos ocidentais e com sua população de mais de 700 milhões de almas



ainda submetida a um padrão de vida muito baixo.

O líder da China é Mao Tsé-tung, considerado um dos maiores filósofos do marxismo-leninismo e o maior incentivador da Revolução Mundial pela violência.

De milenares tradições agrícolas, a China está obcecada pela necessidade de tornar-se uma grande potência industrial e, à custa de ingentes sacrifícios, conseguiu fabricar a sua bomba atômica, formando no rol dos países detentores do poder nuclear.

Existe, de fato, um conflito ideológico entre a China e a URSS, e que se intensificou após a morte de Stálin (1953), mormente quando Kruchev esposou a doutrina da Coexistência Pa-

cífica, que os chineses, por motivos que procuraremos ventilar, consideraram como uma aproximação com o capitalismo e uma flagrante traição aos ideais comunistas.

Hoje em dia, o conflito China-URSS apresenta três aspectos característicos:

1.º — Divergência quanto às táticas e estratégicas dos Movimentos de Libertação Nacional (A China quer aplicar a teoria marxista-leninista da luta violenta; a URSS preconiza a luta econômica e política, sob a égide da coexistência pacífica).

2.º — Rivalidade pela conquista de influência sobre os povos da África e do Sudeste Asiático.

3.º — Disputa pelo Contrôlo dos PC mundiais.

Por outro lado, a China ameaça a URSS com a formação de um MCI afro-asiático sob a sua liderança, explorando a tese da "união das raças de cor contra o imperialismo dos brancos".

Sobre o conflito sino-soviético, as opiniões divergem muito. Uns o consideram real, irreconciliável, baseado em ambições de hegemonia mundial, no ódio racial, em antagonismos históricos, etc. E argumentam com as sistemáticas e violentas críticas que Mau Tsé-tung sempre dirige aos soviéticos, acusando-os de terem abandonado o comunismo, de estarem se tornando capitalistas e se aproximando dos EUA, não só para dividirem o mundo entre si, como para atacarem a China e impedirem que ela se torne numa grande nação, capaz de disputar e obter a hegemonia sobre o mundo.

Outros admitem que tudo não passa de uma farsa, para fortalecer a posição da URSS na coexistência pacífica que apregoa para melhor penetrar no mundo ocidental e preparar a sua derrocada. Admitem, portanto, que a China faz o jogo da URSS, submetendo-se como um país satélite, apesar de sua pretensão de ser grande potência, rival e insolente.

Segundo o nosso ponto de vista, ambos têm razão e isso poderá ser bem compreendido se analisarmos o presente com uma visão perspectiva sobre o futuro.

Que vemos hoje?

— A União Soviética desenvolvida, poderosa, industrializada,

necessitada de comerciar com o Ocidente, para dar a seu povo um melhor padrão de vida. É um país que precisa evitar a guerra com os EUA, pois já tem muito a perder, e quer restabelecer relações diplomáticas com todos os países do mundo, não só para fins econômicos, mas para eliminar a influência dos EUA sobre as Democracias e preparar condições para a sua hegemonia sobre o mundo. Ela não pode aparecer como agressora, nem como fomentadora da subversão, ou as consequências lhe seriam contraproducentes, pois seria isolada ou encarada com suspeição, como até recentemente.

— E vemos o MCI, como instrumento da grande Revolução Mundial que enfraquece as democracias, sob a liderança firme da URSS. No âmbito do MCI não há divergências. URSS, China, Cuba e todos os países socialistas esposam os mesmos ideais: — o grande inimigo são os EUA; os alvos são as nações democráticas; os temas de propaganda e os slogans usados são sempre os mesmos, numa harmonia e com uma objetividade que indicam direção rigidamente centralizada. As variações giram em torno das táticas: — uns, filiados à China ou a Cuba, querem a revolução pela violência; outros, filiados a Moscou, seguem a linha pacifista. Os PCs estão cindidos em alas pró-Moscou e pró-Pequim ou Havana, MAS TÔDAS AS ALAS, embora usando processos diversos, perseguem os MESMOS OBJETIVOS, isto é, trabalham harmônicamente, ten-

do em vista os resultados finais. O que se verifica nessa aparente cisão não é o enfraquecimento, mas o fortalecimento extraordinário do MCI, que, em última análise, está em condições de empregar recursos de todos os tipos legais ou clandestinos, pacíficos ou violentos, morais ou amorais, para alcançar o triunfo de uma causa que só representará o triunfo final da URSS, pois lhe dará a ambicionada hegemonia sobre o mundo.

Antigamente, quem se desiludia com o comunismo, se tornava anticomunista; hoje, muda de linha, obedece a um outro patrão, mas não deixa de ser comunista e de combater as democracias.

Em suma, o que é inegável é que o policentrismo na direção dos PCs, a divergência de linhas táticas, as lutas pela liderança ou os choques de palavras ou de interesses entre as potências vermelhas, NÃO MODIFICAM em essência a grande estratégia de dominação mundial aplicada pelos soviéticos, tendo como instrumento principal o MCI.

— Cuba pode exercer a pregação revolucionária na A.L. e nos países africanos de língua portuguesa.

A linha pacifista de Cuba não teria utilidade no seio dos países da A.L. que a repudiaram e isolaram. Então, ela se opõe à coexistência pacífica, mostra-se descontente com os líderes soviéticos que a mantêm e dos quais depende para sobreviver, aproxima-se de Pequim ostensivamente e prega abertamente a subversão, que apóia com armas e dinheiro fornecidos pela URSS.

O absurdo da posição de Cuba é flagrante, mas está dando resultado, por mais que isso depoe contra o bom senso dos povos ocidentais que se deixam iludir pelas artimanhas dos socialistas.

Na verdade, as massas acreditam no pacifismo da URSS e se negam a reconhecer que Cuba é simples testa-de-ferro desse país. E se é Cuba quem promove as agitações, poucos vêem motivos que justifiquem medidas mais enérgicas de segurança contra a URSS, “tão bem intencionada” e “tão sincera”!...

— A China requer uma análise menos fácil, menos ao alcance do bom senso comum das massas.

Afastada da ONU; sem relações diplomáticas com muitas nações do mundo e todos os países da A.L. exceto Cuba; sem poder econômico para apoiar governos; necessitada de empenhar-se, no âmbito interno, para progredir e industrializar-se, ela só poderia mesmo, no plano internacional, pregar a violência e buscar liderar as massas. Não tendo penetração nos povos de raça branca, ela influencia particularmente o mundo amarelo e o mundo negro.

O seu papel no âmbito do MCI é, pois, perfeitamente racional, tendo em vista as suas possibilidades.

Como está evidenciado, o MCI emprega seus elementos com absoluto critério, com muita lógica, dentro das melhores possibilidades de cada qual, segundo uma estratégia geral de ação ditada pela URSS. E a coexistên-

cia pacífica proclamada pelos soviéticos nada mais representa do que a maior mistificação internacional de nosso século, com Cuba, China e os países socialistas atuando como fantoches, como testas-de-ferro da União Soviética.

O que desfigura um pouco essa realidade é que por vezes ocorrem conflitos mais sérios no mundo socialista, o que pode ser compreendido pelo fato de o sentimento nacionalista de cada povo ser maior que o sentimento ideológico. Um país pode ser comunista, mas quer ser soberano e defender seus interesses e reage, mesmo contra o senhor absoluto, quando esses interesses são contrariados.

Não temos dúvidas de que, para preservar o êxito de sua penetração cultural, política e econômica no Ocidente, a URSS comanda a cisão do PC em alas pró-Pequim e pró-Havana; dirige e financia a linha subversiva das demais facções; e procura eximir-se da responsabilidade pelos desmandos cometidos, mostrando que a ala pró-Moscou só se empenha na luta político-ideológica por processos legais e pacíficos.

Inclusive, como no caso de Cuba, ela condena abertamente as violências atribuídas a Fidel Castro, que vive a suas expensas e que também critica a URSS e faz expurgos internos dentre seus desafetos, alegando que os atingiu porque eram espíões a serviço da URSS. Isso deveria provocar gargalhadas, porque os soviéticos estão aos

milhares em Cuba, orientando, dirigindo tudo oficialmente nesse país, mas a massa popular acredita nos disparates que ouve e os comunistas obtêm êxitos, principalmente porque os governos democráticos não se preocupam devidamente com a propaganda e o esclarecimento da opinião pública.

Voltando ao problema da China: — Há, entre chineses e soviéticos, um ódio irreconciliável, que se reflete em todos os pronunciamentos de Mao Tsé-tung e de cuja sinceridade ninguém pode duvidar.

Realmente, como todo seu empenho, a China combate a influência da URSS na Ásia e na África e critica a liderança soviética com o máximo de energia virulenta.

Em comum, entre a China e URSS, só existe o ódio ao norte-americano e o desejo de subverter e desagregar os países democráticos, para que caíam sob o regime comunista.

Assim, a China está ligada à URSS, mas tanto um como outro país pretende, ao final da luta, emergir como o único poder dominante sobre o mundo.

Um choque entre eles delineia-se como uma fatalidade no horizonte.

Muitos se admiram de que a URSS não reaja às provocações da China, senão com uma ou outra advertência. Mas isso é perfeitamente explicável, na atualidade.

A URSS pode ser vista, para exemplificar, como um homem adulto e forte, ao passo que a

China representa o rapazinho enfezado, fervendo de ódio, impotente para agredir, mas ruminando planos de agressão para quando crescer e ficar mais forte que o seu rival.

De fato, ao passo que a URSS é uma respeitável potência econômica e militar, a China é um país gigantesco, com um potencial demográfico extraordinário, mas ainda lutando para organizar-se, progredir e ter real potencialidade militar.

Os problemas internos da China são atordoantes. Mao Tsé-tung está tentando, agora, o que Lenine e Stalin fizeram a partir de 1918: — expurgos, trabalhos forçados, orientação rígida, rompimento com estruturas anacrônicas que entravam o progresso, enfim, a mobilização de todo o povo para a arrancada pelo desenvolvimento.

Mao tentou o “grande salto”, há alguns anos; depois, fracassado este, partiu, em 1966, para a sua Revolução Cultural, com apoio na Guarda Vermelha, formada pela juventude. Foi uma experiência também fracassada, pois Mao teve de dissolver a Guarda Vermelha, porque os jovens eram inexperientes em assuntos administrativos e difíceis de controlar. Recentemente, Mao tenta acelerar o progresso com apoio do seu Exército de mais de dois milhões de homens.

De qualquer forma, a China está cinquenta anos atrasada em relação à URSS. Além disso, Mao Tsé-tung é um velho e com sua morte preve-se que o país sofra

nôvo grande retrocesso, em virtude das lutas internas pela posse do poder.

Ao ler as obras de Mao Tsé-tung, podemos sentir que ele tem esperanças numa guerra entre URSS e EUA e que tudo faz para fomentá-la, usando as crises do sudeste asiático.

Por outro lado, ele sabe que a China está em luta de vida ou de morte contra o tempo. Se conseguir manter-se organizada por alguns decênios, industrializar-se, equilibrar seu poder nuclear com o das grandes potências, então poderá acalentar sonhos de hegemonia mundial, com grandes possibilidades de vitória, de tornar realidade a velha teoria da ameaça invencível da raça amarela.

Por ora, tem de ser cautelosa e obedecer, embora jogue com a tensão soviético-americana para poder ser insolente e desencadear luta cerrada pela maior influência política sobre os países que lhe são vizinhos.

Mao Tsé-tung tem plena consciência de que o seu país pode vir a ser no futuro e das suas cruciais vulnerabilidades no presente.

Não é por simples objetivo propagandístico que ele sempre denuncia o capitalismo soviético e os entendimentos entre a URSS e os EUA para uma divisão do mundo entre os dois, ou os acusa de estarem tramando um ataque contra a China, com base de operações na Índia.

Ele sabe que se a URSS e os EUA deixarem a China crescer, poderão ser vencidos por ela e

prevê que, mais dia, menos dia, URSS e EUA serão forçados a se unirem para liquidarem com o perigo amarelo, enquanto podem fazê-lo com menores ônus.

Esse é o quadro completo, apresentado em síntese, sobre o conflito sino-soviético, que realmente existe, mas que, só projetado no futuro tornar-se-á profundo e terá caráter explosivo, pois no momento atual a China serve como mero joguete dos interesses soviéticos na grande fraude psicológica que a URSS desencadeia sobre o mundo ocidental.

V — A VERDADEIRA FACE DO MCI

Com os conhecimentos examinados até agora, podemos, enfim, chegar à verdadeira caracterização do MCI.

Chegamos à conclusão de que, no âmbito do MCI, pela atual estratégia, o PC tem duas finalidades principais:

— Difundir a ideologia comunista; e

— Cooperar para a socialização do país.

E tem uma finalidade *secundária*, mas concomitante:

— Promover a subversão, sem dela participar ostensivamente.

Já as *Frentes* nacionais têm as finalidades principais de apoiar a penetração da influência soviética nos países democráticos e promover a subversão, a serviço do imperialismo soviético.

E têm a finalidade *secundária*, mas concomitante, de cooperar com o PC para efeito da socialização desses países.

Examinando a dinâmica do MCI, podemos chegar à caracterização de dois movimentos distintos, paralelos, no âmago desse movimento:

— O *Movimento Ideológico*, que tem o PC como principal instrumento de ação e visa à socialização dos países democráticos; e

— O *Movimento Imperialista Soviético*, apoiado pelo Bloco Comunista, que tem nas organizações de Frente nacionais e nas chamadas "Outras Forças", o seu principal instrumento de ação e visa, particularmente, a hegemonia soviética sobre o mundo.

Em relação ao componente PC, do MCI, duas grandes definições se impõem:

1 — Tem caráter ideológico;

2 — Sua destruição interessa ao governo.

Em relação ao Movimento Imperialista Soviético (MIS), devemos analisar uma série de considerações particulares:

1 — Não tem caráter ostensivamente ideológico;

2 — Há, em seus militantes, o predomínio do espírito nacionalista;

3 — As "bandeiras" aglutinadoras das massas são justas e, em geral, estimulantes do desenvolvimento do país;

4 — Nas manifestações públicas, a maioria dos participantes comparece sob a motivação de ideais defensáveis e sadios, sem visualizar as mais profundas repercussões políticas, econômicas e sociais que essas manifestações aparentemente inocentes podem

acarretar, quando desvirtuadas em suas finalidades.

5 — A massa de manobra, composta de democratas-cristãos e patriotas, está, inconscientemente, sendo dirigida para os objetivos do MIS, porque a minoria, que exerce uma liderança espúria, a desvia maquiavêlicamente de seus rumos.

6 — Essa massa de manobra, a rigor, representa parte do nosso próprio potencial demográfico, que ao governo interessa *preservar* e fortalecer e que, bem esclarecida, poderá cooperar para a neutralização dos comunistas, embora continuando a lutar democraticamente por seus ideais.

7 — A estratégia soviética, com admirável capacidade mistificadora, confusionista, tornou os componentes do MCI tão entrelaçados, tão interdependentes, que dificultou sua caracterização como entidades distintas, pois em todas há a mancha comunista. Por isso, inocentemente, por perigoso espírito de simplificação e pelo fato de estar a liderança geral com o PC, muitas autoridades encaram *todos* os integrantes do MCI como comunistas. E estão cometendo o erro grave de ferir a justiça e de comprometer a validade de seus argumentos para esclarecer a opinião pública, mormente quando apontam, como comunistas, elementos não comunistas, até mesmo religiosos ou ardorosos democratas que empunham bandeiras justas e, inconscientemente, deixam-se influenciar pelo MCI.

É de se ressaltar, ainda, o papel desempenhado pelos políticos

oportunistas, que procuram capitalizar a agitação em proveito próprio, e de intelectuais e jornalistas ainda não esclarecidos sobre as verdadeiras finalidades do MCI. São eles que mais perturbam a ação das autoridades e dificultam o trabalho de identificação dos verdadeiros agitadores. Esses elementos, em sua quase totalidade, são patriotas, não são comunistas, mas fazem o jogo do inimigo e servem para ampliar a "câmara de ressonância" da grita da minoria que lidera o movimento, contribuindo para que a desordem se alastre, ou para que o povo tenha a impressão de que um movimento intrinsecamente frágil ganhou proporções inauditas e ameaça a estabilidade do governo — o que, então, é capitalizado com eficiência pelo MCI.

Se o PC pode ser combatido no campo tático, como tem sido, as componentes que grupamos sob o rótulo do Movimento Imperialista Soviético devem ser preponderantemente atacadas no campo estratégico, particularmente com as armas representadas pelos meios de comunicação com as massas e a ação político-administrativa do Governo.

Nós admitimos que as reivindicações sociais ou de cada classe são desejáveis, por constituírem estímulos ao dinamismo do governo no sentido do progresso do país, do bem-estar do povo e do aperfeiçoamento do nosso sistema democrático.

É necessário o diálogo franco e honesto entre as autoridades e o povo, para que se fortaleça o

sentimento cívico pela conjugação dos esforços na superação dos erros e dificuldades, sob a égide de uma equilibrada compreensão das condições do país e de suas possibilidades, sem perturbação da ordem pública e sob os ditames da lei.

Esse objetivo só poderá ser alcançado pelo esclarecimento da opinião pública sobre a ameaça que se exerce contra o país e por uma ação inflexível contra os elementos que pregam a subversão ou a desencadeiam.

O elemento de manobra do Movimento Imperialista Soviético — constituído por bons patriotas iludidos pelos inimigos de sua Pátria — deve ser combatido sem violência, por ações que visem a esclarecê-lo, ao passo que os líderes comunistas que manipulam essa massa de manobra, devem ser neutralizados pelos mesmos processos com que se procura neutralizar o PC.

Se passarmos a considerar o MCI no quadro de uma guerra-fria — que é a forma evoluída, moderna, da GUERRA entre nações — e, se dermos ao nosso povo uma nítida consciência de que estamos sendo vitimados por essa guerra e necessitamos de reagir por imposição da nossa soberania e da defesa do país, então poderemos fazer aplicar com o máximo rigor as nossas leis, em toda sua plenitude, para atacar o inimigo onde quer que ele se manifeste, sem que as providências que se impõem possam ser desvirtuadas pela propaganda inimiga, a ponto de se refletirem mal sobre a opinião pública.

Um estudo de situação sobre as premissas assinaladas em relação à ameaça comunista conduzirá, sem dúvida, à adoção de estratégias eficazes.

E, então, serão eliminadas flagrantes deficiências no combate ao MCI, deficiências que muitos atribuem levemente à timidez dos responsáveis pela ordem pública ou à falta de autoridade, mas que se devem, sobretudo, à confusão entre as reais e distintas ameaças do MCI com a já anacrônica ameaça do PC.

VI — OUTROS ASPECTOS RELACIONADOS COM O PROBLEMA

a) Posição da Igreja e do Govêrno, face ao MCI

A Igreja tradicional, caritativa, espiritual, sempre se constituiu num grande obstáculo à infiltração comunista em nosso país.

A Igreja humana, reformista, social, que pode tirar das mãos dos comunistas as falsas bandeiras da justiça social para substituí-las por legítimas, pode constituir-se numa barreira invencível contra o MCI, por conduzir sua luta sob os auspícios de um sincero sentimento de solidariedade cristã e de acatamento à ordem e à lei constituídas.

Os comunistas já equacionaram o problema e iniciaram a ofensiva contra a Igreja, seja pela infiltração direta no clero, seja pela "Operação Catolicismo Revolucionário", iniciada pelo MCI, para mistificar e confundir os verdadeiros cristãos.

Não existe uma Frente comuno-religiosa, impossível, talvez, de ser formada, mas existe uma minoria de padres implicados na subversão ou cooperando, ostensivamente, para o Movimento Revolucionário Camilo Torres, que surgiu no Uruguai, adotou o nome de um padre-guerrilheiro colombiano e projeta estender-se por toda a América Latina, usando Igrejas como núcleos de irradiação e propaganda.

O problema é gravíssimo e deve ser encarado por autênticos especialistas. No maior país católico do mundo, a Igreja deve ser mantida, como um símbolo apoiado e respeitado, aliada do governo em sua obra pela redenção e bem-estar do povo e nossa estratégia de ação deverá facultar o combate à minoria subversiva nela infiltrada, com a plena compreensão da maioria do clero, realmente motivada pela fé cristã.

Não devemos permitir, por omissão ou erros de nossa parte, que o MCI, explorando animosidades eventuais e a sua técnica de desvirtuar a realidade dos fatos, se apresente como o grande aliado da Igreja para iludi-la e colocá-la, no país, em uma posição intermediária que será sempre favorável a êle, por ser potencialmente antagônica em relação a nós.

b) Posição de uma nação ainda não desenvolvida, face ao MCI

Os soviéticos apresentam a nação norte-americana como a grande imperialista, responsável

por quase todos os males que afligem a humanidade, procurando criar e generalizar uma atitude universal negativa em relação à influência exercida pelo país líder do bloco democrático.

Realmente, no campo dos interesses econômicos, qualquer grande potência é egoísta, interesseira, imperialista, por atender, nas suas relações com as demais, prioritariamente, a seus interesses e objetivos nacionais permanentes.

O imperialismo econômico pode manifestar-se como pressão prejudicial ao progresso de uma nação subdesenvolvida, mas de certo modo, é normal e se justifica dentro da ética peculiar ao terreno dos empreendimentos financeiros.

Não há como deixar de reconhecer o imperialismo econômico norte-americano, reflexo maior do imperialismo equivalente exercido por todas as nações sobre outras, delas dependentes.

Entretanto, deve ser ressaltado que o imperialismo norte-americano não possui a característica de devorador de nacionalidades que distingue o imperialismo soviético.

Provam-no os fatos históricos, a inexistência de um império colonial americano e a realidade de que se o norte-americano tivesse o mesmo caráter do imperialismo soviético, os EUA teriam dominado o mundo, quando desfrutavam do exclusivo monopólio nuclear.

Mas o que nos interessa destacar é que há necessidade de distinguir entre "segurança comum", "amizade entre nações", e os in-

terêsses que a cada governo compete defender, para zelar pelo bem-estar do povo que dirige.

Ressaltada a existência do voraz imperialismo soviético e de inúmeros imperialismos econômicos, cabe à nação não desenvolvida organizar-se estrategicamente para defender-se contra todos eles, conduzindo-se com equilíbrio face aos complexos problemas internos e internacionais envolvidos, não se deixando iludir pelos impactos de propagandas capciosas, ou unilaterais, que procuram toldar-lhe a capacidade de analisar e discernir.

A verdade é que as nações não desenvolvidas, no mundo atual, como que flutuam num mar revólto, como joguetes de maré dos interesses e ambições dos países desenvolvidos.

Uma nação em desenvolvimento tem de ter nítida consciência de que seu progresso pode representar uma ameaça de concorrência indesejada no campo internacional e de que muitos males que afligem, causados pelo inimigo de todos, podem atender aos interesses internos das nações que lhe são aliadas e que, nesse particular, se não a atacam, se omitem na sua defesa, enquanto essa omissão não representar perigo real para a segurança coletiva.

Esse raciocínio se aplica bem ao perigo representado pelo MCI, no que tange à sua nefasta interferência contra o desenvolvimento do País.

Sob esse aspecto, ao elaborarmos uma estratégia de ação contra o MCI, talvez seja conveniente adotar a atitude mental de

admitir que essa luta é nossa e que deveremos enfrentá-la com os nossos próprios meios, à luz de nossa exclusiva capacidade.

Contra o perigo comunista, temos aliados fortes, que promovem ações e planejamentos conjuntos tendo em vista a defesa do hemisfério.

Entretanto, considerando a ação do MCI no campo interno, devemos nos considerar praticamente sòzinhos, ou contar, apenas, com eventuais alianças com outros países latino-americanos, admitindo que, dentro de sua compreensão sobre os limites entre "a luta coletiva" e cada "luta particular" contra o inimigo comum, as grandes potências amigas, sob muitos aspectos sempre se omitirão.

c) O perigo das análises realizadas por estrangeiros

A URSS procura apresentar o MCI como algo subjetivo, sem direção centralizada, sem organização especial, quase como um ideal de orientação comum a todos os PC, na luta desenvolvida contra os países cujo imperialismo denunciavam e combatem.

E tem contado com a cooperação de intelectuais democratas, que escrevendo excelentes livros, ou análises, reforçam aquela convicção errônea no espírito de nossos homens mais responsáveis.

A prova disso reside no fato de que muitos chefes encarregados do setor de segurança e das informações e que conhecem tudo sobre o PC, desconhecem praticamente tudo o que refere às organizações nacionais de Frente.

Eles estudam documentos alienígenas e se convencem que o PC é o grande inimigo do seu país. Em consequência, tornam-se incapazes de equacionar com exatidão os problemas nacionais e são levados a erros sucessivos, seja pela ação inoportuna, seja pela omissão.

Realmente, os analistas americanos, ingleses, franceses, etc., do MCI são unânimes em identificarem, no PC, o instrumento principal do MCI, o que faz com que essa tese errônea seja naturalmente aceita por todos os povos subdesenvolvidos.

Devemos ter em mente, porém, que o analista de um país desenvolvido encara o MCI sob perspectivas diferentes, pelos reflexos desse movimento na conjuntura de sua pátria, cujas condições, interesses, vulnerabilidades e grau cultural são muito diversos dos existentes em um país subdesenvolvido e fazem com que as organizações de Frente tenham, de fato, papel secundário, o que não acontece entre nós, onde ocorre o inverso.

Essa realidade impõe que os analistas dos países latino-americanos não endossem cegamente as conclusões de seus colegas estrangeiros e que as adaptem à conjuntura nacional, pois o problema do MCI surge em cada parte com características diferentes, amoldadas às vulnerabilidades e às condições políticas, econômicas e psicossociais de cada país e o que é profundamente verdadeiro para um país desenvolvido pode revelar-se perigosamente falso em relação a um país subdesenvolvido.

VII — CONCLUSÕES

Após haver apresentado um estudo analítico sobre o MCI, esperamos ter logrado deixar evidenciado:

— que o MCI é o instrumento principal da ação da URSS, na GUERRA-FRIA que desencadeia, ostensivamente, contra o Ocidente;

— que há necessidade da formulação de estratégias específicas, de essências profundamente diferenciadas, para o combate a cada um dos movimentos componentes do MCI e às Forças Armadas compete um papel preponderante nos estágios iniciais dessa formulação;

— que temos de evoluir, definitivamente e urgentemente, na afirmação da autoridade legal do Estado, para não cedermos tôdas as iniciativas ao inimigo e não nos vermos forçados a adotar soluções sob a pressão de graves crises internas, pois tais soluções, em geral, são paliativas e imperfeitas e são sempre exploradas como um êxito da agitação, de modo a servirem de estímulo a novos atos subversivos.

Ao inimigo, calculista e frio, que nos agride em nosso próprio território e lança contra nós ponderável parcela do nosso potencial demográfico e democrático — que consegue iludir e orientar com sua estratégia maquiavélica — devemos opor a barreira da nossa união patriótica e consciente no sentido de definir a nossa estratégia e coordenar perfeitamente as ações preventivas ou repressivas, em todos os campos do Poder.

— Que na guerra fria atual — que traduz a guerra moderna, onde os Exércitos não se chocam, mas uma nação pode ser conduzida a exaurir-se numa inglória luta fratricida — A OPINIÃO PÚBLICA é o principal alvo dos subversivos, que estão conscientes de que ela pode representar a mais potente arma defensiva do arsenal democrático e tentam conquistá-la antes que os governos se dêem conta de sua importância vital.

Portanto, a liberdade ilimitada concedida a intelectuais, professores, clérigos, agentes de influência e ativistas comunistas para orientarem insidiosamente o povo pela imprensa, a nossa juventude, nos colégios, etc., equivale a estarmos concedendo uma cabeça-de-ponte ao inimigo, precisamente na área mais sensível do baluarte democrático, que é a OPINIÃO PÚBLICA.

— Na nova estratégia defensiva contra a ação do MCI, as necessidades do esclarecimento da OPINIÃO PÚBLICA, de sua orientação e do planejamento integrado em todos os campos do poder, bem como da perfeita coordenação das ações projetadas, jamais poderão ser suficientemente enfatizadas.

É necessário que seja bem equacionada a necessidade essencial de que as medidas PREVENTIVAS da ação governamental tenham absoluta preponderância sobre as ações repressivas, tendo em vista que a massa de manobra dos comunistas é constituída de bons cidadãos, iludidos quanto às reais finalidades dos movimen-

tos de que participam. A repressão deve ser orientada, com energia e oportunidade, contra os líderes da agitação.

Se nos deixarmos iludir pelas aparências deliberadamente programadas pelo MCI, se tivermos a ingenuidade de crer que pode haver diálogo com líderes comunistas — que visam, não o atendimento das reivindicações exploradas para o incitamento das massas, mas, única e simplesmente, a subversão — cometeremos o erro da contemporização e de concessões contraproducentes a esses líderes. E então, estaremos contribuindo para que eles consolidem e ampliem sua influência, continuem com a iniciativa das ações e coloquem as autoridades ante o dilema de novas e mais amplas concessões, pelo receio dos efeitos decorrentes da repressão contra a massa de “inocentes úteis”.

A impunidade da minoria subversiva resulta sempre em perturbação da vida social, comprometimento do desenvolvimento do país, desestímulo às lideranças democráticas sob coação, aprofundamento da crise que ameaça as instituições e o regime, e em desprestígio para o governo, o que é capitalizado pelo MCI com apoio em intensa propaganda que desorienta a opinião pública.

— Finalmente, pretendemos haver deixado evidenciado que, nos países subdesenvolvidos, cujas vulnerabilidades são incontáveis, os comunistas acirram os ânimos das diferentes classes sociais em torno de justas reivindicações,

para firmarem sua liderança, e evitam qualquer prematura pregação ideológica.

Estimulam manifestações pacíficas da massa dinamizada sob pretextos aceitáveis e, iniciadas estas, distorcem-nas em suas finalidades e passam à agitação social, visando a:

- desprestigiar as autoridades públicas, com base em sua inação ou nos seus excessos de autoridade;

- conquistar a opinião pública, valendo-se de todos os meios e artifícios e com apelos dirigidos mais aos sentimentos do povo do que à sua razão;

- desmoralizar as Forças Auxiliares empenhadas na repressão para, oportunamente, desprestigiar e dividir as Forças Armadas;

- estimular a adesão de grupos econômicos e políticos descontentes;

- colocar o clero e a classe média em posição antagônica ao governo; e

- da união de estudantes, trabalhadores e intelectuais, reforçada por adesões indiscriminadas e em ambiente psicossocial propício, criado pela guerra psicológica, generalizar a subversão e desencadear a guerra civil.

Deve ser bem compreendido que, com a ação do MCI, a URSS não visa a dominação comunista imediata sobre as nações democráticas. Na realidade, não lhe interessa ver, logo, o comunismo implantado na América pela tomada violenta do poder, particularmente devido às experiências obtidas na República Domi-

nicana, onde houve a intervenção da Força Interamericana de Paz (FIP), e ao ônus que lhe acarreta a manutenção já pouco útil do abalado regime de Fidel Castro, em Cuba. Os soviéticos planejam a longo prazo. Alcançam resultados e, mantendo imutáveis seus objetivos, mudam apenas de tática, adaptando suas ações às realidades do país, com o que logram confundir a opinião dos desavisados.

Nos dias atuais, a URSS parece apenas interessada em implantar sólidamente o seu dispositivo no seio das nações democráticas, para que, futuramente, na devida oportunidade, possa vencer o bloco ocidental desencadeando a subversão generalizada, *SIMULTÂNEA*, em todos os países, o que lançará o caos no mundo democrático e impedirá uma intervenção eficiente das grandes potências aliadas.

Em trabalho que enviamos para publicação na Defesa Nacional, focalizamos como o esquema dos comunistas paralisou uma grande potência, a França, com rapidez, e como esse esquema poderá voltar a funcionar num momento de crise mundial, pois permanece intato. E esposamos a tese de que o quadro subversivo mundial deve ser encarado, com visão perspectiva sobre o futuro, sob o prisma da *segurança coletiva do hemisfério* e não, como até agora, como *problema particular* de cada governo, a ser resolvido por seus próprios meios e iniciativas.

O êxito dessa diabólica nova estratégia reside nos sucessos ini-

ciais obtidos pelos líderes da agitação, com a complacência de governos despreparados, ou ingênuos.

Inicialmente, o movimento subversivo pode ser neutralizado sem maiores esforços, se não fôr contido no nascedouro, poderá tornar-se incontrolável, à semelhança da bola de neve que se transforma em avalanche.

* * *

Quando tentaram explicar a invasão da Tcheco-Eslováquia, os líderes comunistas apresentaram razões que, analisadas, demonstraram que os mais graves perigos, apontados como capazes de justificar aquela violência contra um país socialista, resumiam-se no surgimento de organizações de Frentes democráticas na Tcheco-Eslováquia. Um desses líderes, entrevistado pela imprensa e diante do argumento de que um clube (o 231), alguns panfletos (como o manifesto das 2.000 palavras), a ação de alguns mestres nas universidade e a liberdade de imprensa não podiam ameaçar o socialismo sob o respaldo da proteção soviética, respondeu: "Mas que ingenuidade!... O perigo não reside em cada qual isoladamente, mas na CONJUNÇÃO DÊSSES FATORES!"

Essa opinião, dos criadores da estratégia do MCI, merece a nossa meditação, pois a CONJUNÇÃO DOS FATORES em nosso país, como nos demais países da A.L. é atordoante.

Quem pode negar a vigorosa atuação do MCI, com inacreditável liberdade de ação?

Quem não pressente que os agentes do MCI atuam nas igrejas, nos colégios, nos meios intelectuais e artísticos, na imprensa, nos sindicatos, em tôdas as diversas associações de classe, na imprensa e, inclusive, em setores do Executivo, do Legislativo e do Judiciário?

Quem não tem consciência de que o nosso incondicional conceito de liberdades está nos conduzindo ao absurdo de permitir o fortalecimento de nossos inimigos, como se cultivássemos o sádico ideal de uma democracia suicida?

Quem não sente que o nosso povo já não agita bandeiras realmente nacionalistas e que nossos filhos, em muitos colégios, já não recebem lições de civismo, já não aprendem a cultuar nossos valores históricos, e estão sendo influenciados pelas lições insidiosas de mestres subversivos, que realizam um trabalho sistemático que visa a tornar desfibrados os nossos homens de amanhã?

Quem não sente que uma crise de descrença não combatida assola a nossa juventude, talvez devido ao comportamento dirigido de mestres comunistas?

Quem não percebeu que os comunistas fazem a propaganda do internacionalismo e combatem o civismo no seio da juventude porque, com exemplar capacidade de planejamento para o futuro, já equacionaram que o nacionalismo dos povos será o mais decisivo obstáculo contra a hegemonia soviética sobre o mundo?

Quem não percebe como os nossos inimigos, subestimando a

nossa inteligência, o nosso bom-senso e a nossa capacidade de reação, estão levando sua audácia ao extremo de nem disfarçarem mais os seus propósitos e de achincalharem com pronunciamentos públicos as nossas mais caras tradições, as nossas Fôrças Armadas e as nossas instituições, escudados em imunidades, ou na certeza de uma incompreensível impunidade?

Para muitos parece um erro que os comunistas estejam se manifestando tão abertamente, como se estivessem dispostos a provocar-nos.

Entretanto, essa provocação obedece a uma estratégia inteligente, que se baseia na certeza de não existência de uma estratégia bem definida de nossa parte.

O MCI está capitalizando sobre o erro fundamental da nossa reação desorganizada.

Ele provoca, para forçar ações isoladas que o reforcem. Provoca, porque sabe que terá apoio no Parlamento e de certa imprensa, a simpatia dos não esclarecidos e o "habeas corpus" que garantirá a liberdade de seus agentes.

O MCI provoca e ofende, exatamente para gerar revolta no seio dos bem intencionados, que constituem a maioria, mas uma maioria ainda desorganizada, sem doutrina de ação, por falta de uma estratégia defensiva global.

O MCI sabe o que faz e tem um objetivo definido, com essas provocações na conjuntura atual: — A divisão das Fôrças Armadas.

De fato, em toda a A.L., os elementos democratas estão preocupados, querem ação imediata, e o MCI espera que os jovens bem intencionados, acreditando na falta de energia do governo e na apatia dos chefes, organizem-se em grupos de reação, que agirão na clandestinidade ou que se articularão sob lideranças que, fortalecidas, colocarão em perigo o regime constituído, ou, pelo menos, acabarão por chocarem-se com as Fôrças legais, como se estivessem, por ideal, em campos opostos.

Não vou alongar-me sobre isso. Deixo o problema à meditação dos senhores, pois parece muito clara a forma como poucos e frágeis elementos, com suas provocações, poderão levar o povo à desunião e até ameaçar o regime. Não pela força do MCI, mas pela inteligente estratégia e à custa da imprevidência e dos erros das autoridades públicas.

Por esse meio não há dúvidas de que os comunistas não chegarão ao poder, de imediato, mas a tensão atua sobre a opinião pública e a nação ficará paralisada, ou entrará em retrocesso, ou será convulsionada por uma guerra fratricida, e o MCI terá ganho mais uma batalha para impedir ou retardar o progresso do país, não pela ação de Exércitos, mas lançando o povo contra o próprio povo, numa fase mais avançada, em que já logrou desunir o seu mais temível e tradicional obstáculo, que são as Fôrças Armadas.

* * *

O país necessita urgentemente de uma estratégia nova face

a uma nova forma de guerra e essa responsabilidade recai, em primeira instância, sobre os chefes militares.

Do estudo de situação objetiva surgirá a estratégia de ação em suas linhas básicas.

Definindo "o que fazer" e "onde fazer", chegaremos à fase mais delicada de "como fazer" e ao enfrentarmos essa fase, definiremos o quanto estamos evoluídos, ou ainda atrasados como povo que se orgulha de ser civilizado. O primeiro impulso será o de agir com radicalismo e violência, pelos processos tão tradicionais na A.L. e na Ásia.

Entretanto, estamos em pleno curso de uma Revolução irreversível e a solução pode ser encontrada pela organização, pela exata definição da estratégia, dentro da lei e da ordem. Mediante arregimentação de democratas capazes para orientarem as ações em cada campo especializado; pelo esclarecimento amplo da opinião pública sobre a nova guerra a que estamos sendo submetidos e a necessidade de maior rigor na aplicação das nossas leis pela punição ou pronto afastamento dos inimigos da pátria, estejam eles onde estiverem, seja qual for a sua profissão ou categoria social.

O MCI não pode ser combatido pura e simplesmente pela repressão violenta indiscriminada e quase sempre contraproducente. Sua estratégia explora inteligentemente o setor psicológico e o subdesenvolvimento e só pode ser neutralizada por outra estratégia igualmente inteligente, que con-

sidere o campo psicológico, ou seja, a opinião pública, e que se fundamente em medidas políticas preventivas, no exato cumprimento do dever pelas autoridades, num inflexível combate à corrupção em qualquer nível onde se manifeste e na comprovada disposição das autoridades de beneficiar o povo e, com seu apoio, superar com energia os resquícios de nosso subdesenvolvimento.

Estamos, hoje, diante de um grande desafio e na encruzilhada que definirá a futura projeção da nossa Pátria.

Para estarmos à altura de nossa missão, no momento atual, precisamos agir UNIDOS! Com ponderação e discernimento. Com firmeza e oportunidade. Com disciplina e confiança. Com método e objetividade. Com eficiência e serenidade. Escudados em nosso dever e na certeza da nossa justa causa. Como um povo agredido, que se defende orientado por seus líderes e obediente a uma doutrina ou estratégia de ação eficaz e integrada.

A guerra não foi formalmente declarada, mas foi desencadeada e isso nos impõe que estejamos a altura das nossas responsabilidades e que encaremos a realidade como ela se apresenta, para que possamos planejar primeiro e executar em seguida as ações que preservarão a segurança e o desenvolvimento de nossa Pátria e o direito à liberdade das futuras gerações.

A geração de hoje, num momento sombrio de nossa história, encontra-se ainda em condições

de agir com oportunidade e esta oportunidade não pode ser desperdiçada pela nossa passividade, o que equivaleria a uma renúncia de nossa inteligência, de nossa soberania e da nossa fé nos destinos do Brasil.

Com este estudo, não pretendemos haver esgotado todos os

ângulos do problema, mas, apenas, contribuído com uma parcela para os estudos conjuntos que, sem dúvida, serão realizados pelas autoridades competentes, no sentido da definição de novos planos e da estratégia de que tanto carecemos.

ASSEMBLÉIA-GERAL DE A DEFESA NACIONAL

Em 13 de dezembro de 1968, foi decidido pela Assembléia-Geral, modificar o Art 31 dos Estatutos, extinguindo o cargo de Diretor-Geral e criando os de Diretor Administrativo e Diretor Tesoureiro, para os quais foram eleitos por aclamação, o Gen Div R-1 JOÃO GAHYVA e o Ten-Cel (Ref) JOÃO CAPISTRANO MARTINS RIBEIRO.

Foi exonerado, a pedido, do cargo de Redator, o Ten-Cel Art Dávio Ribeiro de Farias e eleitos para o mesmo cargo o Ten-Cel Prof Pedro Wandek de Leoni Ramos e o Ten-Cel Inf Brasil Ramos Caiado Filho.

Na mesma ocasião, foi decidido ainda, nomear uma Comissão constituída pelo Gen Div R-1 João Gahyva, Cel Art José de Sá Martins, Ten-Cel Prof Pedro Paulo Wandek de Leoni Ramos e Ten-Cel (Ref) João Capistrano Martins Ribeiro, para proceder à revisão dos Estatutos.

SEGURANÇA NACIONAL — CONSIDERAÇÕES GERAIS

GERALDO KNAACK DE SOUZA
Cel Cav

1 — Resumo histórico

O antigo problema de segurança das comunidades, garantia da soberania contra o jugo de um poder externo, bem como a falência de sua solução nos moldes da segurança individual, baseado em um direito das comunidades à semelhança dos direitos individuais, é assinalado pela História, desde a mais remota antiguidade.

Pode-se verificar, entretanto que, até a II GUERRA MUNDIAL, três foram as principais formas de estabelecer a segurança: a de **preponderância do poder**, a **isolacionista** e a **associativa**; com predominância para as duas primeiras, porque a última era de caráter mais transitório. Uniam-se os povos para enfrentar um inimigo mais forte, que nunca se poderia ver entre eles, tão logo era afastado o perigo desfazia-se, de alguma forma, a associação.

Entre as duas guerras mundiais, foram feitas várias tentativas para estabelecer um sistema de segurança associativa que, sendo permanente, seria elemento decisivo para evitar as guerras.

Era a idéia da segurança coletiva que se estava formando e que era, também, em “última razão”,

a razão de ser da LIGA DAS NAÇÕES.

Muitos fatores impediram-na de ir avante, principalmente, o recrudescimento e a intensificação do nacionalismo, verificado na EUROPA após 1918.

A idéia da segurança coletiva, visando a impedir ou suprimir a agressão, garantir a integridade territorial, promover o desarmamento, induzir as nações a resolverem seus conflitos sem a utilização do recurso à guerra, terminou sendo considerada mais uma controvérsia entre as nações da EUROPA, onde naquela mesma época, proeminentes Chefes de Estado agiam em sentido oposto e faziam peremptórias declarações sobre a inevitabilidade da guerra e até sobre a proximidade da mesma. Seu conteúdo político estava esgotado. Não atendia mais aos interesses de certas potências.

A II Guerra Mundial trouxe importantes modificações para o problema de segurança. Primeiro, porque fez aparecer mais um elemento para o seu equacionamento, a bomba atômica, inicialmente sob o controle de um único Estado; segundo, porque evidenciou a crescente interdependência entre as nações.